

LAÇOS DURADOUROS, TENSÃO FILIAL E TEMPORALIDADE EM FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS SINO-ALEMÃS

Jiayin Li-Gottwald

Department of Intercultural and Comparative Education, Helmut Schmidt University, Hamburg, Alemanha

RESUMO

O presente estudo analisa de que modo mães migrantes chinesas, casadas com cônjuges alemães, sustentam e reinterpretam a devoção filial (尽孝道) no seio de famílias transnacionais sino-alemãs. Embora estes agregados familiares se assemelhem a famílias nucleares “modernas” na Alemanha, estas mulheres mantêm-se orientadas, do ponto de vista moral pelo ideal confucionista da família de três gerações (三代同堂). A aspiração à copresença intergeracional molda o seu trabalho emocional e as suas obrigações para com os pais na China, gerando sentimentos ambivalentes de amor, culpa e responsabilidade. Longe de enfraquecer os laços de parentesco, a migração reconfigura a prática filial num projeto transnacional, concretizado através de comunicação afetiva, visitas prolongadas e esforços simbólicos para reproduzir, à distância, formas de relacionalidade entre três gerações. Com base numa abordagem etnográfica colaborativa (Lassiter, 2005; Rappaport, 2008), ancorada numa rede de amizade de mães migrantes chinesas, o estudo mobiliza conversas, registos emocionais e mensagens de WeChat para acompanhar os momentos em que a moralidade filial é mobilizada. Os resultados demonstram a forma como estas mulheres alimentam e reinscrevem a ética filial em contexto migratório, desafiando pressupostos sobre o desaparecimento da moralidade filial durante a migração.

PALAVRAS-CHAVE

sandaitongtang, jinxiaodao, tianlunzhile, moralidade filial, constrangimentos emocionais

LONG TIES, FILIAL TENSION AND TEMPORALITY IN TRANSNATIONAL CHINESE-GERMAN FAMILIES

ABSTRACT

This study examines how Chinese migrant mothers married to German husbands sustain and reinterpret filial piety (尽孝道) within transnational Chinese-German families. Although these households resemble “modern” nuclear families in Germany, the mothers remain morally oriented toward the Confucian ideal of the three-generation family (三代同堂). The aspiration for intergenerational co-presence shapes their emotional labour and obligations to parents in China, generating ambivalent feelings of love, guilt, and responsibility. Rather than weakening kin ties, migration reconfigures filial practice into a transnational project enacted through affective communication, extended visits, and symbolic efforts to reproduce three-generation relatedness across distance. Using a collaborative ethnographic approach (Lassiter, 2005; Rappaport, 2008), grounded in a friendship network of Chinese migrant mothers, the study draws on conversational exchanges, emotion notes, and WeChat messages to trace moments when filial morality is activated. The findings demonstrate how these women

sustain and re-embed filial ethics in migration, challenging assumptions about the disappearance of filial morality during migration.

KEYWORDS

sandaitongtang, jinxiaodao, tianlunzhile, filial morality, emotional constraints

1. INTRODUÇÃO: A RECONFIGURAÇÃO DO SANDAITONGTANG MODERNO

O presente artigo analisa de que modo mulheres migrantes chinesas, casadas com maridos alemães e residentes na Alemanha, continuam a prosseguir e a sustentar compromissos morais filiais e intergeracionais chineses, tal como se manifesta nas suas experiências quotidianas (Kleinman, 1999). Embora os seus agregados familiares, à primeira vista, correspondam a formas de família nuclear socialmente reconhecidas no contexto alemão do Estado social, estas mulheres continuam a guiar-se por ideais éticos de responsabilidade filial e de relacionalidade intergeracional. Os seus esforços contínuos para manter cuidado, apoio e responsabilidade moral para com os pais e outros familiares idosos na China são expressos como um projeto ético continuado de *jinxiaodao* (尽孝道, cumprimento da obrigação filial) à distância. Assim, o artigo argumenta que o conceito de *sandaitongtang* (三代同堂, família de três gerações) persiste, em contextos migratórios, não enquanto forma residencial, mas como uma orientação moral que continua a estruturar as obrigações intergeracionais à escala transnacional.

A família nuclear na Alemanha contemporânea encontra-se amplamente institucionalizada como uma formação social normativa, ancorada em ideais de parceria conjugal, autorrealização individual e autonomia moral do agregado doméstico (Lück & Ruckdeschel, 2018). A investigação clássica e contemporânea sobre a família em contextos euro-americanos demonstra que a família nuclear não constitui uma estrutura de parentesco universal, mas antes uma formação histórica e culturalmente específica que privilegia a díade conjugal como principal lugar de ancoragem da vida emocional e social (Furstenberg et al., 2020). Neste modelo, o parentesco organiza-se em torno da privacidade, da interioridade e de uma domesticidade delimitada, sendo as obrigações para com redes de parentesco mais alargadas simbolicamente posicionadas como secundárias em relação às relações conjugais e parentais. A investigação antropológica sublinha ainda que a vida familiar é moldada não apenas por arranjos residenciais ou pela estrutura do agregado, mas também por enquadramentos ético-ontológicos mais amplos — entendimentos historicamente situados de pessoa, relacionalidade, obrigação e hierarquia, que tornam determinadas formas de parentesco eticamente significativas e socialmente inteligíveis (Carsten, 2004; Sahlins, 2013).

A investigação sobre a organização familiar chinesa destaca uma arquitetura moral marcadamente distinta, na qual a família de três gerações (*sandaitongtang*) mantém uma forte relevância cultural enquanto comunidade moral organizada genealogicamente, na qual a pessoa é constituída de forma relacional ao longo de diferentes níveis geracionais. No interior desta formação, os mais velhos são comumente associados à autoridade

moral e à continuidade histórica, a geração intermédia, à mediação da reciprocidade e do cuidado ascendente, e as crianças ao futuro moral e temporal da linhagem (Ikels, 2004; Yan, 2016). A obrigação intergeracional, a hierarquia relacional e a moralidade filial continuam a ser orientações éticas centrais, embora sejam reconfiguradas em contextos de urbanização, transformação demográfica e reestruturação do Estado social (Yeh et al., 2013). A família de três gerações deve, assim, ser entendida não como uma “tradição” residual, mas como uma formação moral flexível, na qual obrigação, reciprocidade e afeto organizam a vida intergeracional no interior de um horizonte moral ancorado na linhagem.

O contraste entre os modelos de família nuclear alemã e as formas de parentesco chinesas de três gerações reside menos na composição residencial dos agregados do que nas suas lógicas éticas subjacentes, tornando-se particularmente evidente em contextos transnacionais de casamento e migração, onde a vida familiar se organiza simultaneamente através de múltiplas ordens morais. Os modelos de família nuclear centram-se na parceria conjugal e na autonomia do agregado doméstico delimitado, ao passo que o parentesco chinês permanece orientado para a constituição relacional da pessoa, a hierarquia intergeracional e a continuidade genealógica enquanto horizonte moral duradouro (Barbalet, 2025). Estas orientações articulam-se não apenas através de expectativas normativas, mas também por meio de imaginários éticos e ideais culturalmente enraizados, como *jinxiaodao* (尽孝道, cumprimento da obrigação filial), *tianlunzhile* (天伦之乐, alegria familiar intergeracional) e *chenghuanxixia* (承欢膝下, presença e companhia filial junto dos pais), os quais, em conjunto, expressam um ideal de proximidade afetiva, copresença intergeracional e vida partilhada entre gerações.

2. REVISÃO DA LITERATURA: MORALIDADE FILIAL, TEMPORALIDADE E SANDAITONGTANG

A investigação recente sobre as estruturas familiares chinesas tem ido além de narrativas de modernização que assumem um declínio linear do parentesco alargado e da obrigação filial. Em contrapartida, a investigação empírica contemporânea demonstra que a hierarquia intergeracional, as obrigações familiares e as expectativas morais permanecem profundamente enraizadas na vida familiar chinesa, ainda que as configurações de coresidência e de prestação de cuidados evoluam em resultado da urbanização, da transição demográfica e da reestruturação social (Barbalet, 2025; Liu, 2024; Shi, 2017). Nesta literatura, os agregados de três gerações e outras formas de família alargada são entendidos não apenas como padrões demográficos, mas como contextos socialmente significativos nos quais as obrigações intergeracionais são atualizadas e a constituição relacional da pessoa assume centralidade na prática familiar. Com base em dados de histórias de vida multigeracionais, Liu (2024) demonstra que as famílias urbanas chinesas organizam as suas relações a partir de um sentido partilhado de continuidade moral ao longo de três níveis geracionais, com os mais velhos a encarnarem autoridade simbólica acumulada e as gerações mais jovens a enquadrarem as suas obrigações como participação num projeto familiar continuado. Shi (2017) também nota que estratégias flexíveis de coresidência, como a residência próxima e o apoio rotativo, permanecem enquadradas em orientações coletivas de reciprocidade e continuidade de linhagem, em vez de autonomia individualizada.

Alargando esta perspetiva, Qi (2015) conceptualiza a obrigação filial como um “sistema cultural” em transformação, no qual as expectativas de apoio ascendente e de responsabilidade moral mantêm uma força estrutural, ainda que as suas formas se adaptem às condições económicas e sociais em mudança. De igual modo, Liu (2023) mostra que o apoio aos pais idosos reflete uma síntese dinâmica entre obrigação, intimidade emocional e constrangimentos materiais, desafiando dicotomias que opõem “dever tradicional” e “individualismo moderno”. Em conjunto, estes estudos sugerem que o que persiste não é o agregado de três gerações enquanto forma coresidencial, mas sim um quadro moral duradouro que continua a organizar a reciprocidade, a legitimidade e a responsabilidade intergeracionais em contextos institucionais e socioeconómicos em transformação (Yeh et al., 2013; Zeng & Xie, 2014).

A família de três gerações tem funcionado historicamente como uma expressão institucional central da devoção filial na China, organizando a vida intergeracional em torno da orientação dupla da geração intermédia, simultaneamente responsável pelo cuidado dos mais velhos dependentes e pela socialização da geração mais jovem. Neste quadro, a obrigação moral, a reciprocidade afetiva e as preocupações com a continuidade da linhagem estão integradas numa ordem doméstica e relacional partilhada. A devoção filial (孝, *xiào*) opera como um sistema ético historicamente estratificado, no qual as obrigações são distribuídas ao longo de eixos temporais e relacionais. Textos clássicos confucionistas, como o *Clássico da Devoção Filial* (孝经, *Xiaojing*; Ames & Rosemont, 2009) e *O Clássico dos Ritos* (礼记, *Liji*; Legge, 1967), representam a família como uma hierarquia moralmente ordenada, na qual as obrigações são graduadas entre gerações, atribuindo expectativas específicas aos filhos adultos no sentido de honra, apoio e cuidado dos pais idosos, bem como da transmissão de continuidade moral e ritual à descendência. Neste sentido, a geração intermédia funciona como uma charneira geracional, orientada “para cima” através do respeito, provisão e responsabilidade face aos mais velhos, e “para baixo” através da proteção, socialização e reprodução de valores éticos e familiares. Esta orientação dupla implica também um compromisso relacional com a continuidade intergeracional, através da criação de oportunidades de interação entre avós e netos, possibilitando a experiência afetiva e simbólica evocada em imaginários éticos como *tianlunzhile* (天伦之乐, alegria familiar intergeracional) e *chenghuanxixia* (承欢膝下, presença e companhia filial). Neste regime mais amplo de integração intergeracional, a proximidade, o trabalho de cuidado e a facilitação das relações avós-netos são enquadrados como expressões de continuidade genealógica e de herança ética, mais do que como mera conveniência logística (Liu, 2024).

Em condições de migração e mobilidade transnacional, a obrigação filial deixa de estar ancorada na coresidência e passa a desenvolver-se em campos sociais espacialmente dispersos e situados em múltiplos lugares. O cuidado, a autoridade e a responsabilidade têm de ser coordenados à distância, tornando a filialidade um projeto moral alargado no espaço, concretizado através da comunicação, do apoio material e do envolvimento afetivo (Baldassar & Merla, 2014; Kilkey & Merla, 2014). Embora a ausência de copresença possa gerar tensão emocional, não diminui a força normativa das expectativas filiais; pelo contrário, estas são continuamente negociadas em condições institucionais e sociais desiguais, evidenciando o carácter espacialmente distribuído da obrigação moral. Neste

contexto, a temporalidade assume uma centralidade analítica. A investigação recente conceptualiza a temporalidade como plural, relacional e socialmente estruturada, em vez de linear ou uniforme (Adam, 1990, 2004). Partindo desta perspetiva, o presente artigo argumenta que as obrigações intergeracionais se desenvolvem ao longo de horizontes temporais concorrentes, em especial os da infância e do envelhecimento, que não podem ser plenamente sincronizados em condições de separação espacial. Assim, o cumprimento simultâneo das obrigações filiais torna-se estruturalmente limitado. A temporalidade não apenas organiza a vida familiar, como também molda a forma como a responsabilidade filial é hierarquizada, negociada e vivida.

Apesar das contribuições da literatura empírica referida, a atenção dedicada à forma como estas tensões temporais são vividas e elaboradas na vida familiar quotidiana permanece limitada. Mais especificamente, os processos interacionais, discursivos e semânticos através dos quais obrigações concorrentes são interpretadas, articuladas e reconfiguradas continuam pouco explorados. Além disso, o papel das relações intergeracionais mediadas e triádicas na sustentação da continuidade temporal e na negociação da responsabilidade à distância tem recebido escassa atenção. Este artigo procura responder a estas lacunas ao examinar de que modo a obrigação filial é reconfigurada através da negociação discursiva de exigências temporais concorrentes e da mediação de relações intergeracionais triádicas em contextos familiares transnacionais e transculturais.

3. METODOLOGIA

O presente estudo baseia-se num projeto etnográfico de longa duração realizado junto de famílias sino-alemãs na Alemanha, no âmbito de um projeto de habilitação académica com a duração de seis anos. O estudo incide sobre oito famílias, maioritariamente casais sino-alemães (mães chinesas e pais alemães) com filhos (com idades aproximadamente entre 5 e 18 anos), que mantêm laços intergeracionais contínuos com os pais da mulher/mãe na China. Os participantes foram recrutados através das redes de amizade previamente existentes da investigadora no seio da comunidade sino-alemã local, refletindo o enraizamento relacional do campo etnográfico. Os dados foram recolhidos através de observação participante, conversas recorrentes, registos emocionais e trocas via WeChat. A investigadora esteve integrada na vida quotidiana dos participantes através de contextos sociais e comunitários partilhados, o que permitiu um envolvimento longitudinal em contextos presenciais e digitais. A recolha de informação centrou-se em momentos em que os participantes refletiam sobre sentimentos de culpa, obrigação e responsabilidade em relação aos pais na China.

A análise segue uma abordagem interpretativa e abductiva, integrando análise temática e discursiva. Num primeiro momento, os materiais foram codificados a partir de temas recorrentes, incluindo obrigação filial, temporalidade e responsabilidade intergeracional. Num segundo momento, foram identificados episódios emocionais críticos, analisados de forma transversal às diferentes fontes de dados. Num terceiro momento, adotou-se uma abordagem discursiva para examinar a forma como os participantes interpretam e negociam obrigações concorrentes, incluindo o recurso a categorias culturalmente

enraizadas (e.g. *yuxiao*, 愚孝). Foi dada particular atenção à forma como estes processos se desenvolvem no interior de relações intergeracionais triádicas (avós-pais-filhos) e através de interação mediada.

Os diferentes tipos de dados desempenharam funções complementares: as observações e conversas permitiram reconstruções contextualizadas da experiência; as notas emocionais captaram reflexões situadas temporalmente; e as trocas via WeChat ofereciam acesso à interação em tempo real e à negociação mediada das relações filiais. Em conjunto, estes materiais permitem uma análise multifacetada que articula experiência vivida, interpretação narrativa e comunicação situada. O estudo seguiu normas éticas estabelecidas (Hammersley & Atkinson, 2019). A participação foi voluntária e baseada em consentimento informado contínuo, com atenção à confidencialidade, anonimização e tratamento seguro dos dados digitais. Foi igualmente considerada a posição reflexiva da investigadora enquanto participante do campo, bem como as implicações éticas da representação de material emocionalmente sensível (Davies, 2008; England, 1994).

4. ANÁLISE

A análise que se segue centra-se em momentos emocional e moralmente densos que emergiram ao longo de conversas, diários e encontros de campo, nos quais os participantes refletiram sobre sentimentos de culpa, responsabilidade e os limites da prestação de cuidados em condições de separação transnacional.

4.1. RUTURA TEMPORAL E CONFLITO MORAL

Xin vive na Alemanha com o seu marido alemão e a filha pequena. Foi criada em Xangai num agregado *sandaitongtang* (三代同堂), onde avós, pais e crianças partilhavam rotinas quotidianas, cuidados infantis e vida emocional. Nos seus relatos retrospectivos, esta configuração funcionava não apenas como uma forma de coresidência, mas como um horizonte moral — isto é, um ponto de referência de proximidade intergeracional ancorado na continuidade, na copresença e na acumulação do tempo vivido.

Após a migração, Xin e os seus pais procuraram manter elementos desta configuração intergeracional à distância. Os seus pais deslocavam-se para a Alemanha em ciclos alternados de três meses, condicionados pelas regras de visto, para cuidar da neta. Xin entendia esta organização como uma temporalidade frágil, mas cumulativa: períodos repetidos de copresença de curta duração que, ao longo do tempo, poderiam consolidar um vínculo intergeracional significativo. Este ritmo foi abruptamente interrompido quando os avós maternos adoeceram gravemente em Xangai, o que levou a mãe de Xin a permanecer na China para prestar cuidados aos seus próprios pais idosos.

4.1.1. EPISÓDIO EMPÍRICO 1

Esta interrupção emergiu como um ponto recorrente de tensão emocional nas conversas de entrevista. Xin descreveu a primeira infância da sua filha como uma janela temporal finita que, uma vez perdida, não poderia ser recuperada:

a minha pobre filha não vai ter uma infância com a sua avó... Estes primeiros anos são transitórios. Depois de passarem, já não será possível construir essa proximidade. Mas a minha mãe escolheu ficar com os seus pais. Disse-lhe que isto é *yuxiao* (愚孝). (Xin, comunicação pessoal, 24 de outubro, 2023)

O termo *yuxiao* (devoção filial considerada “equivocada” ou “excessiva”) é aqui mobilizado não para rejeitar a obrigação filial em si, mas para questionar a forma como essa obrigação é aplicada. Para Xin, a decisão da sua mãe de priorizar os cuidados aos seus próprios pais interrompe aquilo que ela considera uma responsabilidade moral igualmente urgente: a construção de intimidade entre avó e neta numa fase do desenvolvimento limitada no tempo. A ausência é, assim, vivida não apenas como uma perturbação logística, mas como uma perda temporal e moral.

Esta tensão torna-se particularmente visível numa troca de mensagens via WeChat entre Xin e a sua mãe. Xin insiste para que a sua mãe regresse à Alemanha, ainda que temporariamente, enquadrando a sua ausência continuada como uma forma de negligência emocional (Figura 1).



Figura 1. *Yuxiao*

Nota. Tradução: Xin: “quando todos à tua volta te dizem que estás a praticar yuxiao, devias repensar”. / Mãe de Xin: “A minha responsabilidade agora é cuidar das pessoas que me deram a vida e das pessoas a quem dei a vida. Neste momento, cuidar do teu avô e da tua avó é a minha responsabilidade, porque a tua tia já não está cá. Eu sou a única fonte de apoio dos teus avós. Não se trata de yuxiao, isto é simplesmente o que tenho de fazer”. / Xin: “Então não nos vamos ver”. / Xin: “Se nem sequer estás disposta a vir durante duas ou três semanas, sinto que estás a ignorar a minha filha e a mim. Sinto-me muito magoada!”.

4.1.2. INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA

Xin insistiu com a mãe para que regressasse à Alemanha, ainda que temporariamente, argumentando que a ausência continuada sinalizava indiferença emocional tanto em relação a si como à sua filha. As suas mensagens eram marcadas por tristeza e urgência: um desejo de preservar uma forma de proximidade intergeracional que sentia estar progressivamente a desaparecer. A sua mãe respondeu com firmeza moral. Recusando a acusação de *yuxiao* (愚孝), explicou que os seus pais eram frágeis, dependentes e sem alternativas de cuidado, descrevendo-se como a sua “única fonte de apoio” e enquadrando a sua decisão não como abandono, mas como obrigação ética. O que emerge aqui não é apenas um desacordo sobre as formas de prestação de cuidado, mas uma divergência na hierarquização da responsabilidade no interior de um contexto moral partilhado.

A intensidade desta divergência tem origem na experiência formativa de Xin de coresidência em três gerações. Tendo crescido num agregado *sandaitongtang* (三代同堂) em Xangai, onde avós, pais e filhos partilhavam rotinas quotidianas, cuidados infantis e vida emocional, Xin entende a proximidade intergeracional como algo construído por meio de uma copresença sustentada e da acumulação de tempo vivido em comum. Em consonância com a literatura que conceptualiza o agregado de três gerações como uma comunidade de parentesco estruturada moralmente (Ikels, 2004; Liu, 2024; Yan, 2016), esta configuração funcionava, nos seus relatos retrospectivos, simultaneamente como fonte de segurança e como horizonte ético, moldando as suas expectativas sobre o que deveria constituir a intimidade intergeracional.

Após a migração, Xin e os seus pais procuraram preservar elementos desta arquitetura moral à distância. A sua configuração — visitas alternadas de três meses, condicionadas por regimes de visto — era experienciada por Xin como uma temporalidade frágil, mas cumulativa, na qual períodos repetidos de copresença poderiam, progressivamente, consolidar uma base relacional significativa para a sua filha. A interrupção abrupta deste ritmo, quando os avós maternos adoeceram gravemente e a mãe de Xin permaneceu em Xangai para prestar cuidados aos seus próprios pais, não se limitou a perturbar uma configuração prática. Desestabilizou, antes, as condições temporais através das quais Xin entendia ser possível realizar a proximidade intergeracional, transformando a ausência numa perda sentida como irreversível.

Este sentido de perda torna-se particularmente visível na troca via WeChat, na qual o raciocínio moral é articulado através de registos discursivos contrastantes. A invocação de *yuxiao* (愚孝) por Xin não rejeita a obrigação filial; pelo contrário, questiona a sua proporcionalidade. Mobilizando uma categoria culturalmente enraizada de crítica ética, reconfigura a decisão da mãe como uma expansão excessiva da obrigação ascendente, em detrimento da necessidade, própria da infância e limitada no tempo, de formar uma relação intergeracional. Ao fazê-lo, preserva a ordem moral filial, procurando reequilibrar o modo como as obrigações devem ser distribuídas quando os recursos temporais são limitados (Liu, 2023; Qi, 2015).

A resposta da mãe, contudo, assenta numa lógica moral e temporal distinta. Ao salientar o seu papel como “única fonte de apoio” dos seus próprios pais, enquadra os cuidados aos idosos numa temporalidade de urgência e irreversibilidade, na qual a responsabilidade perante corpos em envelhecimento assume prioridade. Esta posição é consistente com conceptualizações consolidadas da geração intermédia enquanto charneira geracional orientada para cima através do cuidado e da responsabilidade, particularmente em contextos de vulnerabilidade (Ikels, 2004; Liu, 2024; Yan, 2016). O desacordo entre mãe e filha não traduz, portanto, uma rejeição de valores partilhados, mas uma divergência na sua ordenação temporal.

Nesta perspetiva, o conflito estrutura-se através de temporalidades morais concorrentes. Xin enquadra a primeira infância como um horizonte finito e irreversível, no qual a intimidade deve ser cultivada progressivamente através da presença, enquanto a perspetiva da mãe se organiza em torno da urgência do envelhecimento e das exigências não adiáveis dos cuidados aos idosos. Cada um destes horizontes temporais constitui uma reivindicação ética legítima no interior do mesmo quadro normativo; contudo, em

condições de separação transnacional, tais reivindicações tornam-se mutuamente incompatíveis. A distância espacial que marca a vida de Xin na Alemanha impossibilita a sincronização destas exigências temporais, transformando tensões potencialmente negociáveis em escolhas estruturalmente constrangidas (Liu, 2023; Yeh et al., 2013).

A invocação de *yuxiao* por Xin pode, assim, ser entendida como uma tentativa reflexiva de renegociar a proporcionalidade no interior da moralidade filial sob estas condições. A tensão emocional que expressa é indissociável de processos de raciocínio ético, na medida em que a responsabilidade não é apenas sentida, mas também articulada, justificada e contestada na interação. Neste sentido, o parentesco emerge aqui como um campo avaliativo e argumentativo, e não como uma estrutura fixa (Carsten, 2000; Sahlins, 2013). O que este episódio revela, em última instância, é que a moralidade filial permanece um horizonte ético vinculativo, embora a sua concretização se torne parcial, contestada e afetivamente marcada em contextos transnacionais. Para Xin, manter a relacionalidade intergeracional à distância implica uma forma de trabalho moral filial transnacional, no qual o compromisso persiste mesmo quando a sua realização plena se encontra temporalmente fragmentada.

4.2. CONTINUIDADE TEMPORAL E PESSOALIDADE RELACIONAL

Bei cria os seus dois filhos na Alemanha com o marido alemão, conciliando maternidade, atividade profissional e formação contínua. Ao contrário de Xin, cresceu numa família de duas gerações na China, uma vez que ambos os pares de avós já haviam falecido antes do seu nascimento. Numa reflexão posterior, entende essa ausência não como algo sentido na infância, mas como uma ligação intergeracional que não chegou a concretizar-se — um horizonte de parentesco não realizado que moldou a sua perceção do que a vida familiar poderia ter sido.

Na Alemanha, Bei procura cultivar para os seus filhos um mundo moral de três gerações que ela própria não experienciou. Mantém um contacto digital próximo com os seus pais na China através de videochamadas frequentes que envolvem os filhos, tratando estas interações como uma forma de manter os avós presentes no quotidiano. Embora os seus sogros alemães a visitem apenas ocasionalmente, enquadra a sua relação com os próprios pais como um esforço para proporcionar aos filhos uma consciência vivida dos laços com os avós, sustentando um sentimento de pertença intergeracional à distância, em vez de o fazer através da coabitação.

4.2.1. EPISÓDIO EMPÍRICO 2

Bei articulou este desejo em termos explicitamente culturais, referindo no início da entrevista que “a vida de uma pessoa normalmente abrange três gerações — avós, pais, filhos” (Bei, comunicação pessoal, 20 de setembro, 2023). O ideal de *sandai-tongtang* (三代同堂), embora não realizado na sua própria vida através da coresidência, mantém uma forte potência simbólica.

Ao refletir sobre a sua infância, explicou que a ausência dos avós não foi inicialmente sentida, mas ganhou significado mais tarde, quando se comparou com outras pessoas:

quando era pequena, não sentia falta de ter avós. Mas, à medida que fui crescendo, ao ouvir os amigos descreverem as idas à casa da avó... percebi que não tinha essa experiência. Quero que os meus filhos tenham esse conceito. (Bei, comunicação pessoal, 20 de setembro, 2023)

Para Bei, o que falta não é apenas a proximidade, mas a experiência de ligação intergeracional. Expressou tristeza pelo facto de os seus filhos não poderem crescer rodeados pelos avós, nem do lado da família alemã, mais distantes e, como referiu, “não muito próximos das crianças”, nem com os seus próprios pais, que permanecem emocionalmente próximos, mas geograficamente distantes. Como repetiu em tom baixo, “É uma pena” (Bei, comunicação pessoal, 20 de setembro, 2023).

Neste contexto, a comunicação regular torna-se central. Bei salientou que estas interações são importantes porque quer que os seus filhos “saibam que têm avós” (Bei, comunicação pessoal, 20 de setembro, 2023). As suas conversas recentes no WeChat ilustram este esforço contínuo: não são apenas expressões de cuidado, mas práticas através das quais envolve ativamente os seus filhos na manutenção de relações intergeracionais à distância (Figura 2 e Figura 3).

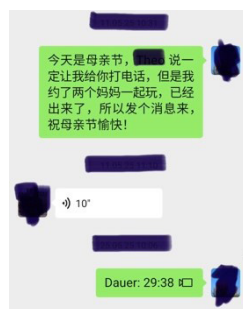


Figura 2. Dia da Mãe

Nota. Tradução: Bei: “Hoje é o Dia da Mãe. O teu neto disse que tínhamos de te ligar, mas já tinha combinado de sair com duas outras mães e já estou fora, por isso envio antes uma mensagem. Feliz Dia da Mãe!”.



Figura 3. Feliz aniversário para o avô

Nota. Tradução: Foi enviado um pequeno vídeo ao pai de Bei, na China, para celebrar o seu aniversário. O vídeo mostra os dois filhos a dirigirem-se ao avô materno, acompanhado por uma mensagem escrita, “Feliz aniversário, avô”, seguida de uma breve resposta em áudio do avô.

4.2.2. INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA

A narrativa de Bei apresenta uma conceção de pessoa fundada na continuidade das relações entre gerações, em vez de na autonomia individual. A sua formulação de que a

vida “normalmente abrange três gerações” (Bei, comunicação pessoal, 20 de setembro, 2023) não exprime apenas uma expectativa demográfica; invoca uma ontologia moral na qual a pessoa se encontra posicionada numa cadeia ética e temporal que liga avós, pais e filhos. Neste sentido, a pessoa não é concebida como uma unidade autónoma e separada, mas como alguém que se constitui no interior de relações intergeracionais e de obrigações recíprocas que atravessam o tempo. Esta perspetiva está em consonância com análises antropológicas do parentesco chinês que conceptualizam a pessoa como constituída através da linhagem, do posicionamento relacional e da reciprocidade moral, e não pela afirmação de uma individualidade autónoma (Ikels, 2004; Liu, 2024; Yan, 2016). O ideal de *sandai-tongtang* (三代同堂) funciona, assim, no discurso de Bei, como uma expressão simbólica de uma conceção de pessoa moralmente constituída através da pertença a três gerações, mesmo quando essa pertença não pode assumir, na prática, a forma de coabitação.

Neste enquadramento, a ausência de avós na infância de Bei não é apresentada apenas como a falta de cuidadores ou de companhia afetiva. Essa ausência ganha, antes, significado retrospectivamente como a falta de uma dimensão relacional fundamental na constituição moral da pessoa. Bei reconhece essa ausência não no momento em que ocorre, mas por comparação com amigos cujas histórias de vida podem ser narradas por meio de referências geracionais e de memórias vividas de cuidado por parte dos avós. O que falta no seu relato não é simplesmente a intimidade, mas uma posição reconhecível num universo moral organizado por relações entre três gerações. É precisamente esta ausência de uma inscrição plena da pessoa numa continuidade intergeracional que ela recusa reproduzir na vida dos seus filhos.

O seu desejo de que os filhos “tenham o conceito de avós” (Bei, comunicação pessoal, 20 de setembro, 2023) não é apenas sentimental, tem alcance ontológico. Diz respeito às condições através das quais uma pessoa se reconhece como pertencendo a uma cadeia geracional, simultaneamente como descendente de gerações anteriores e responsável por gerações futuras. Mesmo quando a copresença e a vida doméstica partilhada são impossíveis, Bei insiste que a figura dos avós deve continuar presente e significativa. Sem isso, a criança ficaria menos ancorada na ordem moral das gerações e a sua personalidade insuficientemente ancorada numa relacionalidade baseada na linhagem. Para Bei, o cultivo desta consciência constitui uma prática de formação moral, e não a preservação de um apego nostálgico.

Esta perspetiva esclarece por que razão o carácter aparentemente banal das trocas familiares no WeChat adquire uma importância moral significativa. Os gestos habituais de afeto, as saudações, os votos de aniversário e os fragmentos de conversa quotidiana não compensam, no plano prático, a ausência física. Pelo contrário, reproduzem as posições geracionais através das quais as pessoas se tornam inteligíveis neste universo moral. A comunicação digital não substitui o trabalho de cuidado nem a coresidência; atua no plano do reconhecimento, reinscrevendo a presença dos mais velhos e mantendo a cadeia temporal que liga as crianças aos avós à distância. Neste sentido, o presente torna-se um espaço de trabalho ético, no qual a continuidade é sustentada pela participação comunicativa, e não da proximidade.

4.3.2. INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA

A mensagem de Yaya não é apenas uma expressão de saudade ou de sofrimento subjetivo; é antes articulada como uma posição moralmente situada, enraizada em expectativas culturalmente incorporadas relativas ao comportamento filial na ética do parentesco chinês. O seu sentimento de culpa decorre do facto de a sua mãe viver sozinha em idade avançada e continuar a trabalhar e a cuidar de si própria, uma circunstância amplamente percebida como incongruente com as normas chinesas de cuidado dos idosos. Ao enquadrar esta situação como indesejável e socialmente perturbadora, as mensagens de Yaya não só assinalam a separação física, mas também uma rutura percebida na copresença normativa, segundo a qual um progenitor idoso deveria estar idealmente acompanhado, apoiado e integrado numa proximidade intergeracional, expectativa que se articula com a centralidade moral contínua da responsabilidade filial na vida familiar chinesa (Yan, 2016).

Este registo moral intensifica-se pela posição de Yaya enquanto parte da geração chinesa dos filhos únicos nascidos entre as décadas de 1980 e 2000, para quem a responsabilidade pelos cuidados aos idosos recai, na prática, sobre uma única pessoa, em vez de distribuída entre irmãos. A sua mensagem constrói, assim, uma forma de posicionamento moral relacional, ao assumir-se como agente responsável, ao mesmo tempo que expressa autorreprovação afetiva por não conseguir concretizar formas esperadas de proximidade, coresidência e apoio quotidiano. Nesta configuração, a sua mobilidade transnacional é discursivamente construída como uma condição que simultaneamente gera oportunidades, mas também uma insuficiência moral percebida, produzindo ambivalência no campo da responsabilidade filial — um dilema amplamente documentado entre a geração de filhos únicos na China, que experiencia tanto a ampliação de possibilidades de vida como o reforço da obrigação moral perante os pais (Fong, 2004).

A resposta da mãe não funciona apenas como consolo emocional ou tranquilização. Pelo contrário, opera uma reconfiguração estratégica do campo moral, deslocando o foco interacional da solidão e da falta de cuidado para a vitalidade relacional duradoura da relação entre avó e neta. A sua felicidade narrada é expressa através de relatos dos gestos digitais da neta, fotografias, desenhos, vídeos curtos e mensagens de voz afetuosas, e não é apresentada como um estado emocional autónomo, mas como uma posição construída na relação. Ao destacar a presença mediada da criança, a avó nega implicitamente a imagem de envelhecimento solitário, reformula a companhia como algo que se constitui emocionalmente e não apenas fisicamente, e reposiciona-se como socialmente ligada, e não abandonada. Ao fazê-lo, mitiga o estatuto culturalmente problemático de uma mulher idosa a viver sozinha e reafirma a sua inserção num campo de parentesco ativo.

O episódio marca uma mudança de enquadramento interacional, de uma relação diádica mãe-filha para uma configuração relacional triádica de três gerações, na qual a neta funciona como mediadora afetiva através da qual se articulam continuidade, reciprocidade e cuidado. A comunicação digital, neste sentido, não se limita a facilitar a interação; funciona como substituto simbólico da prestação de cuidados em coabitação e permite que as três gerações conciliem expectativas normativas de presença filial com as realidades vividas da separação transnacional. A narrativa da avó simultaneamente

tranquiliza Yaya do ponto de vista emocional e legitima moralmente a sua ausência, ao demonstrar que a intimidade e a obrigação continuam a circular através de laços intergeracionais mediados. A positividade expressa pela mãe de Yaya deve, assim, ser entendida como uma forma de trabalho discursivo de produção de otimismo, orientado para aliviar a culpa filial e, simultaneamente, manter a coerência moral da família.

Importa sublinhar que a força e a ressonância emocional da relação entre avó e neta, que se torna central neste episódio, não surgem por acaso. Estão profundamente enraizadas nos esforços anteriores de Yaya, em conjunto com a sua mãe, para assegurar que a sua filha passasse períodos prolongados com a avó durante a infância, tanto na Alemanha como no país de origem da avó. Através destes períodos de cuidado partilhado, copresença e participação intergeracional, Yaya criou ativamente as condições para que o ideal ético e afetivo de *tianlunzhile* (天伦之乐, alegria familiar intergeracional) pudesse ser vivido como experiência no seio de uma vida transnacional.

Embora uma coabitação prolongada e contínua no tempo não tenha sido possível, estes investimentos relacionais permitiram momentos que se aproximam do imaginário moral de *chenghuanxixia* (承欢膝下, presença filial e companhia junto dos pais), realizados não através de proximidade permanente, mas através de momentos episódicos de copresença e reencontros repetidos. O vínculo afetivo que hoje sustenta a intimidade à distância está ancorado nestes encontros anteriores, nos quais avó e neta habitaram um mundo temporal e afetivo comum.

Neste sentido, a forma como Yaya facilita o contacto próximo entre a sua mãe e a sua filha pode ser entendida como uma forma significativa de realização da moralidade filial. Mesmo quando a copresença contínua não é possível, ela assegura que o amor, o reconhecimento e a reciprocidade moral sejam transmitidos entre gerações através da construção de uma relação forte entre avó e neta. As conversas digitais contínuas entre ambas e o apoio emocional que proporcionam à mãe de Yaya não constituem apenas práticas compensatórias de intimidade mediada, mas expressões contemporâneas de cuidado emocional enquadrado na moralidade filial, moldadas por relações triádicas de parentesco, nas quais o horizonte ético de *tianlunzhile* (天伦之乐) persiste como uma possibilidade relacional vivida, ainda que apenas parcialmente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a forma como mulheres migrantes chinesas casadas com homens alemães e residentes na Alemanha continuam a prosseguir, reinterpretar e sustentar compromissos morais, filiais e intergeracionais chineses no quadro normativo da vida familiar nuclear alemã. A partir de contributos da antropologia moral, da teoria do parentesco e da investigação contemporânea sobre relações intergeracionais na China, a análise demonstra que a devoção filial não desaparece com a migração nem se restringe ao domínio da sentimentalidade. Pelo contrário, persiste como uma orientação ética vinculativa e como um horizonte vivido de obrigação, afeto e responsabilidade, ainda que as suas formas concretas de expressão sejam reconfiguradas pela distância, pelos regimes de bem-estar e por exigências temporais concorrentes, um resultado que converge

com a literatura antropológica sobre separação, obrigação e a força moral contínua do parentesco na vida familiar chinesa (Stafford, 2000).

Nos três casos, a moralidade filial emerge não como um guião cultural singular ou uniforme, mas como um campo moral diferenciado, no qual as mulheres ocupam posições distintas na ordem intergeracional e negoceiam, de formas diversas, os limites e possibilidades da prestação de cuidados. No caso de Xin, a impossibilidade de conciliar a temporalidade do envelhecimento e da doença com o horizonte fugaz da primeira infância produz uma tensão moral aguda. A sua experiência ilustra como a migração pode fragmentar a lógica temporal do *sandaitongtang* (三代同堂) e gerar sentimentos de luto, perda e insuficiência ética, ainda que a obrigação filial permaneça plenamente reconhecida. O conflito moral no seu relato não sinaliza um afastamento da ética filial, mas sim a dor de habitar um mundo moral em que obrigações concorrentes não podem ser simultaneamente realizadas.

Em contraste, o caso de Bei revela uma configuração moral distinta, centrada menos na rutura do que no modo como a pessoa se constitui geracionalmente. As suas reflexões sublinham a importância de pertencer a três níveis geracionais, não apenas como organização familiar, mas como modo de se reconhecer numa continuidade relacional. O seu desejo de que os filhos “tenham o conceito de avós” remete para a persistência do *sandaitongtang* (三代同堂) enquanto formação simbólica e ética, mesmo quando a copresença material é estruturalmente impossível. O cuidado mediado à distância, a coordenação e o contacto quotidiano digital não são experienciados como substitutos compensatórios, mas como participação significativa num mundo moral organizado por três gerações no qual ela continua a ocupar, e a transmitir, a posição de filha.

Por fim, o caso de Yaya evidencia o trabalho intergeracional necessário para tornar possíveis os ideais éticos e afetivos associados a *tianlunzhile* (天伦之乐) e *chenghuanxixia* (承欢膝下) em condições transnacionais. Através da facilitação prévia de contacto sustentado e de copresença episódica entre a sua mãe e a sua filha, Yaya criou as condições para a formação de um vínculo duradouro entre avó e neta. No presente, este vínculo sustenta bem-estar emocional e reciprocidade moral à distância. Aqui, a moralidade filial não é apenas exercida na relação entre filha e mãe, mas através do campo relacional triádico que Yaya cultiva ativamente. O projeto moral de *jinxiaodao* (尽孝道) é, assim, prolongado para a geração seguinte, revelando a geração intermédia como um mediador através do qual a continuidade intergeracional, o reconhecimento e a ligação ética são sustentados, uma dinâmica também observada em estudos sobre maternidade transnacional e cuidado emocional mediado (Parreñas, 2005).

Considerados em conjunto, estes casos demonstram que o contraste entre os modelos de parentesco de três gerações na China e os modelos de família nuclear alemã não pode ser reduzido a diferenças na estrutura doméstica. Reside antes em lógicas éticas distintas que orientam a vida intergeracional. As mulheres deste estudo não abandonam estas orientações morais com a migração; continuam a vivê-las, ainda que de formas fragmentadas, negociadas e, por vezes, dolorosas. As suas experiências demonstram que o agregado nuclear não constitui uma unidade social fechada ou autossuficiente. Pelo contrário, permanece inserido em redes transnacionais morais e afetivas que se

estendem entre gerações e através de fronteiras, moldando a subjetividade, a responsabilidade e a vida emocional.

A análise sugere ainda que o que a migração perturba não é apenas a organização do cuidado, mas as condições temporais e ontológicas através das quais a constituição relacional da pessoa se torna possível. Os ideais de copresença, continuidade genealógica e alegria intergeracional não são nem apagados, nem preservados apenas de forma nostálgica; persistem como possibilidades morais, por vezes parcialmente realizadas, por vezes adiadas, por vezes dolorosamente inatingíveis. O trabalho que estas mulheres desenvolvem para manter o parentesco à distância pode, assim, ser compreendido como uma forma de trabalho moral filial transnacional, em consonância com estudos que demonstram a continuidade e reinterpretação das obrigações filiais entre migrantes chineses (Tu, 2016). Trata-se de um trabalho simultaneamente afetivo e ético, enraizado na obrigação, mas permeado por aspiração, incerteza e ambivalência. Neste sentido, o estudo contribui para debates mais amplos sobre parentesco e migração ao demonstrar que a filialidade permanece uma infraestrutura moral robusta na vida familiar transnacional, mesmo quando a sua concretização se afasta das formas clássicas de coresidência e proximidade. O estudo convida-nos a conceptualizar a maternidade migrante chinesa não apenas como espaço de negociação cultural ou de adaptação, mas como campo no qual as éticas intergeracionais são ativamente reconfiguradas, sustentadas e vividas, frequentemente com elevado custo emocional, mas também com um compromisso moral persistente. Longe de sinalizar um declínio da moralidade filial, as narrativas destas mulheres revelam a sua vitalidade contínua como horizonte ético que excede, complexifica e desestabiliza subtilmente as fronteiras normativas da família nuclear na Alemanha contemporânea. Ao fazê-lo, este artigo contribui para a sociologia da família ao reconceptualizar as famílias não como unidades coresidentes, mas como campos relacionais transnacionais eticamente organizados e sustentados por compromissos morais duradouros. Contribui para os estudos da migração ao demonstrar que a vida familiar transnacional é estruturada não apenas pela mobilidade e pela circulação do cuidado, mas por infraestruturas morais persistentes que continuam a moldar obrigações, subjetividades e responsabilidades intergeracionais à distância. Finalmente, aprofunda a análise das dimensões temporais das relações sociais ao mostrar como a migração gera tensões morais através do desfasamento entre temporalidades do ciclo de vida, recolocando a temporalidade como categoria analítica central no estudo do parentesco e da vida transnacional.

Pós-edição de Tradução Automática: Anabela Delgado

REFERÊNCIAS

Adam, B. (1990). *Time and social theory*. Polity Press.

Adam, B. (2004). *Time*. Polity Press.

Ames, R. T., & Rosemont, H., Jr. (2009). *The Chinese classic of family reverence: A philosophical translation of the Xiaojing*. University of Hawai'i Press.

- Baldassar, L., & Merla, L. (Eds.). (2014). *Transnational families, migration and the circulation of care: Understanding mobility and absence in family life*. Routledge.
- Barbalet, J. (2025). Intergenerational family relations in reform China: Background and context. *The Sociological Review*, 73(4), 735–752. <https://doi.org/10.1177/00380261251347725>
- Carsten, J. (Ed.). (2000). *Cultures of relatedness: New approaches to the study of kinship*. Cambridge University Press.
- Carsten, J. (2004). *After kinship*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511800382>
- Davies, C. A. (2008). *Reflexive ethnography: A guide to researching selves and others* (2.^a ed.). Routledge.
- England, K. V. L. (1994). Getting personal: Reflexivity, positionality, and feminist research. *The Professional Geographer*, 46(1), 80–89. <https://doi.org/10.1111/j.0033-0124.1994.00080.x>
- Fong, V. L. (2004). *Only hope: Coming of age under China's one-child policy*. Stanford University Press.
- Furstenberg, F. F., Harris, L. E., Pesando, L. M., & Reed, M. N. (2020). Kinship practices among alternative family forms in Western industrialized societies. *Journal of Marriage and Family*, 82(5), 1403–1430. <https://doi.org/10.1111/jomf.12712>
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (2019). *Ethnography: Principles in practice* (4.^a ed.). Routledge.
- Ikels, C. (Ed.). (2004). *Filial piety: Practice and discourse in contemporary East Asia*. Stanford University Press.
- Kilkey, M., & Merla, L. (2014). Situating transnational families' care-giving arrangements: The role of institutional contexts. *Global Networks*, 14(2), 210–229. <https://doi.org/10.1111/glob.12034>
- Kleinman, A. (1999). Experience and its moral modes: Culture, human conditions, and disorder. In G. B. Peterson (Ed.), *The Tanner lectures on human values* (Vol. 20, pp. 357–420). University of Utah Press.
- Lassiter, L. E. (2005). *The Chicago guide to collaborative ethnography*. University of Chicago Press.
- Legge, J. (Trad.). (1967). *Li Chi: Book of rites* (Vols. 27–28). Dover.
- Liu, J. (2023). Filial piety, love or money? Foundations of old-age support in urban China. *Journal of Aging Studies*, 64, Artigo 101104. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2023.101104>
- Liu, J. (2024). Ageing and familial support: A three-generation portrait from urban China. *Ageing & Society*, 44(5), 1204–1230. <https://doi.org/10.1017/S0144686X22000861>
- Lück, D., Ruckdeschel, K., & Diabaté, S. (2018). Clear in its core, blurred in the outer contours: Culturally normative conceptions of the family in Germany. *European Societies*, 20(5), 715–742. <https://doi.org/10.1080/14616696.2018.1473624>
- Parreñas, R. S. (2005). Long-distance intimacy: Class, gender, and intergenerational relations between mothers and children in Filipino transnational families. *Global Networks*, 5(4), 317–336. <https://doi.org/10.1111/j.1471-0374.2005.00122.x>
- Rappaport, J. (2008). Beyond participant observation: Collaborative ethnography as theoretical innovation. *Collaborative Anthropologies*, 1, 1–31. <https://dx.doi.org/10.1353/cla.0.0014>
- Qi, X. (2015). Filial obligation in contemporary China: Evolution of the culture-system. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 45(1), 141–161. <https://doi.org/10.1111/jtsb.12052>

- Sahlins, M. (2013). *What kinship is—And is not*. University of Chicago Press.
- Shi, J. (2017). The evolvement of family intergenerational relationships in transition: Mechanism, logic, and tension. *The Journal of Chinese Sociology*, 4(1), Artigo 20. <https://doi.org/10.1186/s40711-017-0068-z>
- Stafford, C. (2000). *Separation and reunion in modern China*. Cambridge University Press.
- Tu, M. (2016). Chinese one-child families in the age of migration: Middle-class transnational mobility, ageing parents, and the changing role of filial piety. *Journal of Chinese Sociology*, 3, Artigo 15. <https://doi.org/10.1186/s40711-016-0036-z>
- Yan, Y. (2016). Intergenerational intimacy and descending familism in rural North China. *American Anthropologist*, 118(2), 244–257.
- Yeh, K.-H., Yi, C.-C., & Tsao, W.-C. (2013). Filial piety in contemporary Chinese societies: A comparative study of Taiwan, Hong Kong, and China. *International Sociology*, 28(3), 277–296. <https://doi.org/10.1177/026858091348434>
- Zeng, Z., & Xie, Y. (2014). The Effects of Grandparents on Children's Schooling: Evidence from Rural China. *Demography*, 51(2), 599–617. <https://doi.org/10.1007/s13524-013-0275-4>

NOTA BIOGRÁFICA

Jiayin Li-Gottwald (李佳音) é investigadora na Helmut Schmidt University, em Hamburgo, Alemanha. É também professora de Pessoas e Cultura na Northern Business School, University of Applied Sciences, Alemanha. Os seus interesses de investigação incluem migração transnacional, famílias transnacionais, inteligência artificial e diversidade cultural, cultura digital e comunicação intercultural em contextos profissionais e privados. É especialista em cooperação internacional entre a Europa e o Leste Asiático. Li-Gottwald doutorou-se pelo Departamento de Cultura, Comunicação e Média do Instituto de Educação, University College London, e está atualmente a realizar a sua habilitação académica na Alemanha.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9250-2483>

Email: kittyjl500@yahoo.co.uk

Morada: Holstenhofweg 85, 22043 Hamburg, Germany

Submetido: 03/01/2026 | Aceite: 12/04/2026



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.